

Psicologia e comunidade: um relato de experiência da atuação em uma associação comunitária¹

Débora da Rosa Santos (Otunolá)¹

Bruna Larissa Seibel²

Loiva dos Santos Leite³

Resumo: Este artigo partiu da prática de estágio em Psicologia comunitária realizada em uma Associação localizada no município de Cachoeirinha, RS, com o objetivo de perquirir, refletir e aprimorar os conhecimentos construídos a partir do contexto de atuação e as estratégias de intervenção no território, pautando um fazer ético e comprometido. Tendo em vista que a psicologia comunitária propõe outra forma de olhar e encarar sofrimento psíquico, utiliza-se aqui um modo de atuação distinto e distante do modelo clínico tradicional, pois compreende o indivíduo como sujeito de direitos ligado ao seu contexto, à sua realidade e ao seu território. Os conceitos utilizados dialogaram com pressupostos da Psicologia Crítica, considerando o momento histórico atual, garantindo que o método e a ação estejam vinculados a forma de construção social que promova a libertação, a autonomia e a valorização do coletivo como uma ontologia para o viver. Participaram dessa experiência famílias cujas crianças e adolescentes são atendidas pela Associação. As estratégias utilizadas foram: entrevistas e visitas domiciliares. Elas apontaram informações importantes para o mapeamento da realidade comunitária e seu funcionamento. Analisou-se a relevância de romper com dispositivos que contribuem na perpetuação do sofrimento psíquico resultante de comportamentos sociais atravessados pela necropolítica, pelo racismo colonial e pelas desigualdades sociais que estruturam nossa sociedade. Apresentaram-se elementos da psicologia africana como outra forma possível de pensar em saúde mental, considerando os valores civilizatórios perpassados transgeracionalmente no cruzamento do Atlântico até a vida contemporânea. Evidenciou-se o pensar do compromisso psi como um agente das políticas públicas, problematizando os determinantes sociais de saúde e a equidade para compreender a dimensão ontológica enfatizada pelas condições da vulnerabilidade de longa duração, contrastada pelos mecanismos sociais da colonização.

Palavras-chave: Psicologia social comunitária, Psicologia africana, Saúde mental da população negra.

1 INTRODUÇÃO

¹ Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Psicologia. E-mail: debora.otunola@gmail.com

² Centro Universitário Cesuca. Docente do curso de Psicologia. E-mail: brunaseibel@cesuca.edu.br

³ Centro Universitário Cesuca. Docente do curso de Psicologia. E-mail: loiva.leite@cesuca.edu.br

Este artigo partiu da prática de estágio em Psicologia comunitária realizada em uma Associação localizada no município de Cachoeirinha, RS, onde o propósito foi perquirir, refletir e aprimorar os conhecimentos construídos a partir do contexto de atuação e suas estratégias de intervenção no território, pautando um fazer ético e comprometido com/a partir da realidade do indivíduo (Amaral, Gonçalves & Serpa, 2012). Levou-se em consideração o foco de atuação proposto pelo Núcleo Comunitário do Serviço-Escola de Psicologia (SEP), evidenciando outras áreas de atuação do psicólogo, onde estes atuem a partir do lugar/comunidade do sujeito como ponte de acesso à saúde mental (Amaral, Gonçalves & Serpa, 2012).

O exercício da prática psicológica construído a partir do contexto de atuação é fundamental para a complementaridade das habilidades e competências a serem desenvolvidas no decorrer da graduação, portanto almeja-se que o estágio seja marcado por vivências que oportunizem reflexões, desacomodações, aprendizados e críticas para a construção do fazer profissional. É importante para a psicologia estar comprometida na criação de espaços terapêuticos para desenvolver atividades de promoção e prevenção de saúde mental, que resultem em autonomia, conscientização, engajamento e participação para o enfrentamento das iniquidades e dos determinantes sociais de saúde (Amaral, Gonçalves & Serpa, 2012). Parte-se aqui de um modo de atuação distinto e distante do modelo clínico tradicional da psicologia, tendo em vista que a psicologia comunitária propõe outra forma de olhar e considerar sofrimento psíquico. Ela compreende o indivíduo como sujeito de direitos ligado ao seu contexto, à sua realidade, ao seu lugar, seu território.

Os conceitos utilizados convergiram e dialogaram com pressupostos da Psicologia Crítica, que considerou o momento histórico atual, garantindo que o método e a ação estejam vinculados a forma de construção social que promova a libertação, a autonomia e a valorização do coletivo, desenvolvendo o que Guzzo, Moreira e Mezzalina (2016) mencionaram como uma ontologia para o viver. É na comunidade, diante dos condicionantes sociais que especificam certas dinâmicas, que é possível observar e explorar os diferentes fenômenos compreendidos nas relações sobrepostas na convivência e as possibilidades de desenvolvimento das pessoas que vivem nesse lugar, demarcado pelo tempo e história, bem como compreender a desigualdade social traçada pela desumanização e invisibilidade (Silva, 2017).

Ressaltamos a importância de se considerar, também, outras perspectivas psicológicas que visam à promoção para debates antirracistas e antiepistêmicos, refletindo sobre caminhos

para reumanização, reconstrução das formas de ser e estar no território/comunidade/mundo (Njeri & Aziza, 2020). Habitamos sobre o desafio epistemológico que perdura de longa duração e que distingue a dinâmica de certos grupos populacionais (Silva, 2017). E é a partir do lugar da constituição sócio-histórica latino-americana que Silva (2017) nos convidou a refletir e considerar outras etiologias do sofrimento psíquico entre os sujeitos e as suas relações com a comunidade e dimensões físicas, psíquicas e espirituais:

O processo colonial precisa ser visto a partir de uma perspectiva de longa duração ao tratarmos de séculos; ainda mais que precisamos entender os comportamentos sociais até o período presente. Há um fio condutor da relação colonial que é reutilizado por estruturas imagéticas tecendo posições assimétricas. Como se fosse um cordão entrelaçado por onde diferentes eventos sociais na forma de miçangas especificam relações arbitrárias de poder e desprezo, perpetuando o sofrimento psíquico [diante do racismo]. (p. 66)

Desta forma, é essencial compreender o indivíduo, a família e a comunidade como sistemas com características próprias que interagem, influenciando e sendo influenciados uns pelos outros. Respaldamo-nos na abordagem sistêmica de Minuchin (1999), que tem a ver com conexões, que podem mudar e influenciar positivamente, ou não, as relações dos micros e macros sistemas, visto que à medida que o sujeito transforma uma situação, este também é transformado por ela (Sarriera & Saforcada, 2014).

2 CONTEXTUALIZANDO O LOCAL DO ESTÁGIO

A Associação estudada atua no município de Cachoeirinha-RS há mais de dez anos com atendimentos aos sábados. Ela recebe crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e violências que passam a manhã em atividades com professoras voluntárias. Tem como objetivo trabalhar a família através da promoção de atividades diversas, auxiliando no enfrentamento da dependência química, violência doméstica, vulnerabilidades e os desafios diversos inerentes a estes contextos. Semanalmente, as educadoras recebem as crianças e adolescentes pela manhã, ofertando-lhes café e, posteriormente, o almoço. O público é composto por meninas e meninos, com idades de 5 a 15 anos, majoritariamente negros, estudantes de escolas públicas e de poucas possibilidades socioeconômicas. Há gerenciamento dos frequentadores, como: controle de faltas, controle escolar e exigências de comportamentos “adequados”. A equipe institucional é composta, majoritariamente, por mulheres voluntárias, sendo que uma delas possui o papel de liderança.

Para ingressar às atividades da Associação é necessário que o responsável passe por uma “entrevista” com a líder gestora e preencha uma ficha cadastro. Muitas vezes, este é o único contato com a família da criança e/ou adolescente. Partiu-se deste ponto para se coletar informações sobre seus contextos, suas realidades familiares e, posteriormente, a comunidade.

3 DO PROCESSO DE INSERÇÃO À ATUAÇÃO PRÁTICA

Foi indispensável conhecer a realidade comunitária e tornar-se pertencente através do seu próprio “sinal” para que a inserção ao contexto fosse efetiva. O contato inicial com a equipe institucional e, posteriormente, com as crianças, adolescentes, familiares e moradores da comunidade auxiliaram na apresentação, familiarização e aproximação (Amaral, Gonçalves & Serpa, 2012). A partir da relação que se estabelecia entre indivíduos e comunidade, foi possível compreender o sujeito que também ressalta o interesse do coletivo e da comunidade que Cruz, Freitas e Amoretti (2014) destacaram sobre o fazer da psicologia social. Estas dimensões sustentaram a prática psicológica pelo espaço em que a intersubjetividade estabelece este fazer, possibilitando a mudança e a transformação, respeitando cada sujeito influenciado pela vivência coletiva (Vasconcellos, 2012).

Analizou-se a história do local, os serviços públicos existentes, os vínculos com a Associação, assim como com aqueles que a compõe, os padrões sociais coloniais padronizados que rotulam ou marcam esta população, os vínculos culturais e identitários e os determinantes sociais de saúde (Amaral, Gonçalves & Serpa, 2012; Silva, 2017). Estes aspectos são relevantes ao pensar em comunidade como o local/território resultante do período colonial de escravização que ainda repercute as relações cotidianas demarcadas pela cor da pele e poder socioeconômico, perpetuados pelo processo sócio-histórico utilizado na constituição deste país. Nesse sentido, pensar na exploração capitalista que aviltou a integralidade psicossocial é compreender, em outra dimensão, a vulnerabilidade e exclusão realizadas pelo colonizador que Silva (2017) denunciou como:

A colonialidade pressupõe os processos de demonização que caracterizam a exploração da vida em todas as dimensões. É nesse sentido que se insere a manutenção das diferentes dimensões da vida das ex-colônias por meio da exclusão reproduzidas, desde a percepção social de si e do outro pelo caráter racial, tornando-se invisível às práticas psicológicas ou mesmo do reconhecimento de um sofrimento legítimo - tendo em vista práticas que não lidaram com o contexto sócio-histórico ao qual as populações configuram seu cotidiano.(p. 67)

As pessoas que residem/habitam numa comunidade, sejam elas negras ou não negras, pertencem ao escopo político deste sistema que configurou, e ainda configura a humanidade através de um esvaziamento cultural e simbólico (Njeri & Aziza, 2020), bem como da invisibilidade racial e/ou social. Compreender a importância da atuação da psicologia na comunidade pode contribuir para outras formas de atuação, facilitando informações sobre as políticas públicas existentes como estratégias para saúde da comunidade (Amaral, Gonçalves & Serpa, 2012). Deste modo, através da realização de visitas domiciliares e das vivências coletivas foi possível denotar a forma de ver, ser e estar nos diferentes espaços da comunidade, percebendo as dificuldades, as intersubjetividades e a variabilidade de fatores sistemáticos (Vasconcellos, 2012) que se conectam para englobar o sujeito como um complexo acompanhado de sua condição social e histórica, evidenciando seu comportamento e sua cultura (Codo & Lane, 2012).

Em meio a essa trama de fatores já complexos, a inserção da futura profissional de psicologia também transcorreu em meio ao infortúnio dos impactos do vírus Sars-coV-2, causador da pandemia por Covid-19, em que a duração e os desdobramentos, até o momento desta escrita, permanecem imprevisíveis (Schmidt, Crepaldi, Bolze, Neiva-Silva & Demenech, 2020). Conjuntura que desnudou ainda mais as vulnerabilidades e fragilidades, individuais e coletivas, exigindo estratégias diferentes e cautela para atender as exigências dos órgãos e instituições sanitárias e de saúde.

4 AS ESTRATÉGIAS PARA CONHECIMENTO DA REALIDADE COMUNITÁRIA

Diante do levantamento de informações junto à comunidade e dos debates teóricos das supervisões acadêmicas, foi possível elaborar um plano de atividades envolvendo instrumentos e métodos nas intervenções, tanto individuais quanto coletivas, que contemplassem e fundamentassem o enredo histórico e sociocultural da comunidade (Amaral, Gonçalves & Serpa, 2012).

O plano de estágio teve uma boa aceitação, tendo em vista que as propostas procuravam dar espaço e legitimar a história de sujeitos que podem ser protagonistas de sua própria história, atribuindo valores próprios para que exerçam o direito a plena existência e a cidadania (Njeri & Aziza, 2020). Também foi oportuno desmistificar aos estudantes em formação que só as intervenções clínicas são atribuições do fazer psi (Amaral, Gonçalves & Serpa, 2012), há outros meios de intervenções psicológicas. Porém, logo no início do semestre as atividades precisaram ser interrompidas em virtude da pandemia por Covid-19,

que demandou isolamento social e restringiu as atividades presenciais, necessitando reformulá-las para dar seguimento ao semestre.

Inicialmente, realizamos uma *vakinha* virtual para arrecadação de verbas para compra de cestas básicas e materiais de higiene. Em parceria com o Centro de Referência da Saúde Social (CRAS) da região, distribuímos mais de quarenta cestas básicas, kits de produtos de higiene e máscaras de proteção para as famílias residentes no entorno da Associação. Idealizamos atividades de psicoeducação no intuito de atenuar o impacto causado pelo isolamento social, mantendo alguma possibilidade de comunicação e vínculo com os usuários e trabalhadores da Associação, através de postagens nas redes sociais do SEP e por trocas de mensagens via *whatsapp*, mostrando presença, ainda que pelo meio virtual.

Com a possibilidade de flexibilização para retorno de algumas atividades e cumprindo as determinações sanitárias dos órgãos de saúde e da instituição de ensino, se restabeleceu o contato presencial, considerando projetos de intervenções possíveis, incluindo fatores outros que antecedem problematizar o curso do vírus na comunidade e, conseqüentemente, as medidas cautelares de prevenção. Uma trama de fatores complementares possibilitou refletir sobre a conjuntura que envolve vários aspectos que impactam nas necessidades básicas, alimentação, higiene e bem estar.

Através de visitas domiciliares para acompanhar as crianças até suas casas, após a realização das atividades semanais, foi se criando uma aproximação para o acesso às famílias. As visitas ocorriam semanalmente, com duração duas horas e o propósito era conhecer e esquematizar o contexto das mulheres e crianças para compreender os processos relacionais familiares para construção das estratégias. Como medida de prevenção da proliferação do vírus e psicoeducação sobre a pandemia, distribuímos máscaras de proteção individual e álcool gel para as famílias visitadas. E foi através deste contato, ao levar as crianças e adolescentes até suas casas, que se oportunizou um vínculo afetivo e respeitoso junto às famílias, estabelecendo confiança e segurança para realização das ações que seriam desenvolvidas (Amaral, Gonçalves & Serpa, 2012). A ação de levar as crianças até a porta de suas casas, tornava o momento significativo, inculcando a ideia de cuidado e zelo e possibilitando à estagiária acessar informações sobre as demandas e realidades da família e da comunidade.

Os laços foram se estreitando ao procurar saber dos assuntos cotidianos, sentando-se à mesa junto com as crianças no almoço para ouvir seus relatos, demonstrando-se interesse, seja pelas características da família, seja por quaisquer outros temas. Estes elementos corroboram

o que Amaral, Gonçalves & Serpa (2012) enfatizaram que para estabelecer vínculo positivo na prática comunitária, é importante que o psicólogo tenha sensibilidade e habilidade técnica em relações humanas. Embora a visita domiciliar seja uma estratégia de intervenção investigativa comunitária importante, não é uma prática específica da psicologia, mas é uma ferramenta potente que pode contribuir nas formas diferenciadas de vínculos, principalmente na aquisição de confiança e no fortalecimento das redes (Amaral, Gonçalves & Serpa, 2012).

O desfecho destas estratégias foi a identificação de vários motes possíveis de serem trabalhados neste exercício de formação. Onde a “realidade” parece ser um mundo paralelo, falar sobre a morte, violências, perdas de familiares, limites físicos e sociais reflete a outra face da realidade desta população. Inclusive, a própria pandemia parece ser um elemento secundário, levando-se em consideração o pouco e/ou inexistência de políticas públicas que possam ofertar medidas de prevenção, como o saneamento básico, por exemplo. Os mais vulneráveis são as vítimas mais afetadas, seja pela precariedade estrutural ou pela omissão do poder público frente à estrutura necropolítica (Santos et al., 2020). Os determinantes sociais de saúde que limitam acessos se intensificaram em razão de uma maior exposição aos fatores de risco, demandando mais cautela em relação à disseminação do vírus, resultante do que Santos et al (2020, p. 2) denunciaram: “[...] há um efeito imediato da pandemia nas comunidades e populações vulneráveis, e tais indivíduos estão a mercê de uma opressão dos mais fortes (econômica e socialmente). Este critério está diretamente ligado a desigualdade”, que reafirma as posições sociais desta população, deslegitimando seus discursos, ou apelos, para a reivindicação de direitos relativos à existência e cidadania (Silva, 2017).

O território/comunidade nos permitiu perceber/identificar de forma mais ampla sua realidade, inclusive o reconhecimento da recepção e acolhimento do fazer psi, ainda que, nesta experiência, não tenha sido possível colocar em prática o grupo de mulheres realizadora Associação. Esse grupo propunha um espaço coletivo de escuta e acolhimento a fim de contribuir na promoção e conscientização do papel das mulheres na comunidade, priorizando o conhecimento ancestral presente, para se debruçar sobre as questões de emancipação comunitária firmada por uma organização social matriarcal, onde a mulher é a potência matrigestora (Njeri & Aziza, 2020; Silva, 2017). Aspectos que, sob a lente da psicologia africana, articulam e complementam outras formas possíveis de se pensar saúde mental, principalmente quando se refere a sujeitos negros, para se compreender os sofrimentos psíquicos de uma realidade antinegra, analisando os valores civilizatórios perpassados

transgeracionalmente no cruzamento do Atlântico até a vida contemporânea (Njeri & Aziza, 2020).

Estes elementos são fundamentais para problematizar o sofrimento psíquico resultante de comportamentos sociais, atravessados pelo racismo colonial e pelas desigualdades sociais que evidenciam a necropolítica existente em nossa sociedade (Silva, 2017). Eles são peças-chaves para refletir sobre a atuação no estágio que nos permitiu trilhar até aqui e perquirir sobre o encontro da teoria com a prática e os resultados denotados. Nesse sentido, os aportes teóricos buscaram identificar as possibilidades e as potencialidades dos sujeitos e da comunidade para conscientizá-los e fortalecê-los para o exercício da autonomia e protagonismo, através de uma rede solidária e inclusiva, encontrando recursos para a resolução de conflitos e bem estar, inclusive em meio à pandemia, para substanciar o senso de pertencimento e identidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência de uma psicóloga em formação, permitiu mais uma etapa na construção da identidade profissional, analisando formas de atuação em comunidades que podem contribuir para práticas mais integradas às suas necessidades. Atravessar o semestre em meio aos obstáculos resultantes da pandemia por Covid-19 nos convidou a refletir sobre os aspectos de uma proposta de estágio com abordagem social comunitária de forma “afastada” da própria comunidade. Conseqüentemente, o plano proposto necessitou reajustes e o distanciamento social permitiu pouca presença física, mas muita reflexão crítica. Ainda assim, o estágio exerceu sua função, uma vez que é uma ponte entre a expectativa e a realidade, entre o planejado e o inesperado/imprevisto, exercitando a resiliência para reajustar o passo e o modo de intervir, nos desacomodando constantemente a fim de buscar outras possibilidades de dialogar com a comunidade.

Foi preciso dar espaço para a práxis psicológica submergir no universo de produções outras, bem como práticas interdisciplinares, para acompanhar o sentido de existência e vivência, individual e coletiva, que forma a coletividade/comunidade, tornando-os beneficiários de outras dinâmicas intersubjetivas cognitivas e afetivas que metabolizam práticas de matriz africana (Silva, 2017). Nesse sentido, Silva (2017, p.70) nos brindou ao explicar que “[...] experiências horizontais ou de partilha de poder, em uma circunstância comunitária local, modelam vicissitudes psicossociais de reconhecimento mútuo fundamentais à democracia, ao desenvolvimento humano coletivo e individual”.

Ou seja, pensar no compromisso psi como um agente das políticas públicas, problematizando os determinantes sociais de saúde e a equidade para compreender a dimensão ontológica enfatizada pelas condições da vulnerabilidade de longa duração, contrastada pelos mecanismos sociais de colonização. Essa compreensão propiciará a aproximação e, conseqüentemente, a construção de vínculos mais sólidos e efetivos (Silva, 2017). É irremissível que o fazer psicológico percorra seu caminho considerando a dimensão ontológica, epistemológica e ética a partir da expressão e experiência comunitária, solidificando e transformandoos diferentes contextos e territórios que resultaram no processo de partilha e resistência contra o racismo e outras desigualdades. É esta realidade que refletirá as atividades do psiquismo, substancialmente aquelas que impossibilitam enxergar o sujeito como um ser de direitos (Silva, 2017; Amaral, Gonçalves & Serpa, 2012).

Concernir à origem do sofrimento psíquico e a concepção de saúde sob estes vieses poderá introduzir práticas terapêuticas de prevenção e promoção fundamentais para pensar o sujeito a partir do “seu mundo”. Estas técnicas poderão embasar a visão sistêmica, tendo no olhar integral o princípio orientador das condutas profissionais e de possíveis aberturas para diálogos (Alves & Seminotti, 2009). Silva (2017, p. 74) acrescenta a importância em refletir sobre uma atitude dialógica, orientada por múltiplas vozes para criar dispositivos para o reconhecimento de outros saberes, cabendo à Psicologia atentar “[...] para a exposição dos efeitos psicossociais do contingenciamento psíquico, por meio de sua implicação/imersão na experiência de comunidades negras”. O profissional poderá “[...] observar os dispositivos de silenciamento das categorias eurocêtricas em contraposição à vivência de pertença e vínculos afrocêtricos” (Silva, 2017, p. 74).

Em consonância com as reflexões e vivências da estagiária de psicologia e, por ser uma mulher negra, inferimos esse silenciamento e os seus efeitos. O exercício de uma atitude dialógica possibilitou criar um ambiente disposto a romper com esse dispositivo. Todavia, atuar em meio à pandemia limitou esta relação, pois as mudanças de hábitos impactou significativamente para quem percebe o “mundo” através dos cosmo sentidos negro-africano de ser. Ainda com poucos registros do que é e como é/poderia ser uma atuação em formação em tempos de pandemia, encaramos este aprendizado como algo único, representativo e simbólico para o nosso crescimento pessoal e profissional, arcando com a responsabilidade de argumentar o contexto sob outros valores civilizatórios possíveis (Njeri & Aziza, 2020) e perquirindo sobre a indissociabilidade da atuação profissional e o fazer político.

REFERÊNCIAS

- Alves, M. C. & Seminotti, N. (2009). Atenção à saúde em uma comunidade tradicional de terreiro. *Rev. Saúde Pública*. 43(Supl. 1), p. 85-91.
- Amaral, M. S., Gonçalves, C. H. & Serpa, M. G. (2012). Psicologia Comunitária e a Saúde Pública: relato de experiência da prática psi em uma unidade de saúde da família. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 32(2), p. 484-495.
- Cesuca. (2018). Documento orientador. *Serviço Escola de Psicologia (SEP)*. Cachoeirinha/RS.
- Codo, W. & Lane, S. T. M. (2012). *Psicologia Social: O homem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Cruz, L. R., Freitas, M. F. Q. & Amoretti, J. (2014). *Breve história e alguns desafios da psicologia social comunitária*. Porto Alegre: Sulina.
- Guzzo, R.S. L., Moreira, A.P.G. & Mezzalina, A.S. da C. (2016). *Desafios para o cotidiano do psicólogo dentro da escola: A questão do método*. (p. 21-35). Campinas: Editora Alínea.
- Njeri, A. & Aziza, D. (2020). Entre a fumaça e as cinzas: Estado de Maafa pela perspectiva mulherismo africana e a Psicologia Africana. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v. 11, n. 2, p. 57-80.
- Minuchin, P., Colapinto, J. & Minuchin, S. (1999). *Trabalhando com Famílias Pobres*. (Cap. 2, p. 19-37). Porto Alegre: Artmed.
- Santos, R., Gomes, A., Narciso, L., Schramm, F., Brito, L., Palácios, M., Siqueira-Batista, R., Rego, S.s Santos, S. & Marinho, S. (2020). Mistanásia hoje: pensando as desigualdades sociais e a pandemia COVID-19. *Associação Brasileira de Saúde Coletiva*. doi: 10.13140/RG.2.2.16737.94568
- Sarriera, J. C. & Saforcada, E. T. (2014). *Introdução a psicologia comunitária: Bases teóricas e metodológicas*. (Cap. 3, p. 76-96) Porto Alegre: Sulina.
- Sarriera, J. C., Silva, M. A., Pizzinato, A., Zago, C. & Meira, P. (2000). Intervenção psicossocial e algumas questões éticas e técnicas. In J. C. Sarriera (Coord.), *Psicologia comunitária – Estudos atuais* (Cap. 1, p. 25-44) Porto Alegre: Sulina.
- Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L. & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus

(COVID-19). Estudos de Psicologia (Campinas), 37, e200063.
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>.

Silva, J. O. (2017). Dimensões da Psicologia Social Comunitária diante das questões étnico-raciais. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, v. 38, n. 1, p. 63-80. doi: 10.5433/1679-0383.2017

Vasconcellos, M. J. E. (2012). *Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência*. Campinas: Editora Papyrus.

ⁱ Este artigo foi destaque na XIV Mostra de Iniciação Científica do Cesuca 2020.